

Instituto Carioca de Gestalt-terapia - ICGT

ENCONTROS: O CASAL NA ÓTICA DA GESTALT-TERAPIA

Aenes Fernandes dos Santos

Rio de janeiro

2016



ENCONTROS: O CASAL NA ÓTICA DA GESTALT-TERAPIA

Aenes Fernandes dos Santos

Pós-graduação em Gestalt-Terapia

Especialização Clínica

Rio de janeiro
Novembro 2016

Aenes Fernandes dos Santos

ENCONTROS: O CASAL NA ÓTICA DA GESTALT-TERAPIA

Pós-graduação em Gestalt-Terapia

Especialização Clínica

Aprovado em

Orientadora: Prof^a Me. Teresa Cristina Gomes Waismark Amorim

Mestre em Psicologia – UFRJ

Prof. Me. Edson Petronio de Alcantara
Mestre em Memória Social – UNIRIO

Vanessa Ribeiro de Oliveira
Especialista em Psicologia Clínica – Gestalt Terapia

Rio de Janeiro
Novembro de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, inteligência e possibilidade que me concedeu para estudar esta área da saúde. Agradeço imensamente ao Ary, amigo, grande companheiro e parceiro em todos os momentos e que muito me ajudou na realização deste curso e desta pesquisa.

Aos meus pais que me deram a vida e me ensinaram a bem viver, sempre tendo em vista o crescimento pessoal, intelectual e os valores de que precisamos para nos conduzir diariamente.

Agradeço de modo especial a minha orientadora, a professora Teresa Amorim, que com sua dedicação, simpatia, alegria e disponibilidade me auxiliou e conduziu “segurando-me pela mão” rumo à construção deste trabalho. Bem, como ao ICGT, por me proporcionar um espaço de troca, de experiência, aprendizado e vivência, que me levou a um grande crescimento pessoal e profissional.

A cada mestre que tive no decorrer deste curso, uns mais presentes outros menos, mas, cada um com sua dedicação o que muito me ensinou e contribuiu para minha formação rumo ao meu grande objetivo profissional, ser psicólogo Especialista em Gestalt-Terapia.

Aos meus colegas de curso que formamos uma família, nas conversas, dificuldades em que passamos juntos. Vocês foram muito importantes nesta minha caminhada.

RESUMO

SANTOS, Aenes Fernandes. Encontros: o casal na ótica da Gestalt Terapia. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica em Gestalt terapia) – Instituto Carioca de Gestalt terapia. Rio de Janeiro, 2016.

Este trabalho tem por objetivo mostrar e pontuar a maneira em que a Gestalt-terapia atua na clínica com casais. Para isso, faz-se uma breve passagem pelas Idades, Média e Moderna, com enfoque na atualidade, mostrando a forma que a Gestalt-terapia vê o casal e como é realizado o atendimento psicoterápico nesta abordagem segundo o modelo de Zinker. Inclui-se uma pesquisa sobre a concepção do casamento e suas mudanças ao longo dos séculos. O espaço para o amor na relação conjugal se consolidou apenas no século XX, quando então o casamento pôde reunir a liberdade de escolha, antes feita pelos pais dos noivos, agora pelo próprios cônjuges, amor, amizade e desejo sexual, sendo possível o prazer de ambos na relação matrimonial. Quando o Gestalt terapeuta olha hoje para o casal em sua clínica, percebe-se que este sistema, casal, traz consigo os frutos das conquistas, alcançadas ao longo dos tempos, no que se refere ao casamento. Com isso, eles são vistos por este profissional com o olhar da Gestalt-terapia, a qual vê-os de forma holística e busca estar com eles para auxiliá-los tendo em vista seu auto suporte e atualização, pressupostos inerentes ao ser humano. O conceito da Gestalt como uma forma, uma configuração, uma estrutura, uma totalidade organizada, auxilia o Gestalt-terapeuta a buscar essa boa forma na relação conjugal juntos com os pares. Para isso, a base teórica desta abordagem, a Teoria de Campo, convida o terapeuta a trabalhar esse campo, o casal, na clínica gestáltica com casal.

Palavras-chave: Conjugalidade; Amor; União; Relacionamento.

ABSTRACT

SANTOS, Aenes Fernandes. Apointments: the couple in the view of Gestalt Therapy. Rio de Janeiro, 2016. Monograph (Specialization in Gestalt Therapy' Psychological Clinic – Instituto Carioca de Gestalt-terapia – Rio de Janeiro.

The main purpose of this work is to show and point out the way Gestalt therapy treats the couple in the clinic. In this respect we remark the Medium and Modern ages, by focussing this subject nowadays as well as to show how Gestalt-therapy considers what a couple is and how the psychotherapy application is done in this approach according to Zinker model. A research about the viweing of what marriage means through centuries is included. The space for love in a marriage relationship has only been consolidated in the Twentieth century, when marriage would incorporate the freedom of choice. Till then this was done by the engaged couple's parents and today by themselves, such as love, friendship and sexual desire, thus making it possible the pleasure of couples in the marriage relationship.. When the Gestalt therapist faces the couples in his clinic, it is foreseen that nowadays the system – couple, brings together the results of this conquest which was reached through the years. Therefore they are considered by this professional with the viewpoint of Gestalt therapy. They are seen in a holistic way and try to help them to have their self-respect and modernization which is enhanced in the human being. By viewing he Gestalt as a form, it configurates a structure totally organized, which helps the therapist to look for this good form between each other in the marriage relationship. To reach this, the therapeutical basis of this subject, Field Therapy , leads the therapist to work this subject of couples in the gestaltic clinics.

Kee words: union , love, companionship, relationship

SÚMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. UMA BREVE HISTÓRIA DA CONSTITUIÇÃO DO CASAL.....	08
2.1. União conjugal nas idades média e moderna.....	09
2.2. O amor erótico.....	10
2.3. Amor romântico ou paixão... ..	12
2.4. Sexualidade e intimidade.....	13
2.5. Visão contemporânea do casal... ..	16
2.6. Aliança e sexualidade.....	17
2.7. Relação, amor e intimidade.....	19
3. A GESTALT-TERAPIA E A TEORIA DE CAMPO.....	21
3.1. Teoria de campo.....	23
3.2. Características do campo.....	25
3.3. O campo é uma fatalidade unitária; tudo no campo afeta todo o resto.....	27
4. A ESCOLHA DO PAR E O ENCONTRO COM A CLÍNICA GESTÁLTICA.....	29
4.1. O papel do Gestalt-terapeuta na terapia de casal.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

Ao fazermos um mergulho na história e observarmos a sociedade atual, podemos constatar, nesse paralelo, mudanças significativas no que diz respeito à relação conjugal. No princípio, falava-se em união como está expresso em gêneses. Mais tarde o termo utilizado passou a ser casamento, matrimônio, referindo-se a união entre um homem e uma mulher que visa o encontro por meio do matrimônio. E com este foi acrescido de amor, parceria, companheirismo, sexualidade e intimidade. Tais termos não eram vistos como prerrogativas para constituição do matrimônio. Porém, com as mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas: o desenvolvimento da sociedade, o avanço tecnológico e a emancipação da mulher, tais transformações chegaram ao casamento. O amor e a escolha livre do parceiro, passaram a ser condições para que a união através do matrimônio pudesse acontecer.

Assim sendo, as motivações que me levaram a pesquisar esse tema foram todas essas reflexões supracitadas. Bem como a atualidade do assunto e pela experimentação vivida pelo casal em seus relacionamentos atuais e suas inerentes dificuldades que chegaram a minha clínica pedindo-me ajuda para reconstrução de suas relações. Com isso, como psicoterapeuta encontrava-me no início da minha atuação e na tentativa de resolver todos os conflitos do casal buscava todas as formas possíveis. Muitas vezes tinha a sensação de que nada estava sendo feito, pois os conflitos continuavam e sentia-me impotente. Porém, com a entrada da Gestalt-terapia na prática clínica com casal vi outra possibilidade e uma luz no fim do túnel para as minhas inquietações em relação a clínica gestáltica com casal.

Entretanto, entendi também que a clínica gestáltica com casal visa levá-los a experimentar o próprio poder, isto é, tomar consciência dos seus potenciais e limites. Dessa forma, conseguirão administrar o que não está estruturado se apoiando no que tem de forte, saudável e positivo. Assim, juntos como casal, vão buscar e aprender a se autogerir, a regular-se, evoluir a partir de dentro, ou seja, a partir de cada um e da relação do casal. Tenho a pretensão, de neste trabalho, mostrar uma abordagem que trabalha com casais num formato diferente de outras já conhecidas. Porém, com grande responsabilidade e dedicação, visto que o trabalho do Gestalt-terapeuta é trazer o casal para se implicar e se responsabilizar pelo seu processo, encontrando juntos os ajustes necessários de que foram buscar na terapia para melhor viver sua relação.

Dessa forma, o objetivo desse trabalho intitulado Encontros: o casal na ótica da Gestalt-terapia, é mostrar e pontuar como a Gestalt-terapia atua na clínica com casal. Para contemplar

as propostas descritas anteriormente, este trabalho foi dividido, além da introdução e das considerações finais, em três capítulos. O primeiro capítulo tratará da formação do casal através do matrimônio nas Idades, Média, Moderna e na atualidade. No segundo capítulo será abordada sobre a Gestalt-terapia e a Teoria de Campo. No terceiro e último capítulo, a clínica gestáltica com casais. Mostrando, de modo particular, o formato do atendimento a casais nesta abordagem. Sabe-se que em todas as épocas da história, independentemente de como era concebido o casamento, este por sua vez, sempre buscou o encontro entre duas pessoas que desejam compartilhar suas vidas por meio da união matrimonial.

Para a realização do presente trabalho a pesquisa bibliográfica será desenvolvida a partir de material já elaborado e que abrange principalmente livros e artigos científicos que tratem de questões relacionadas ao casal, sua vivência e a atuação da Gestalt-terapia no atendimento ao casal. Vale ressaltar que quando falo em casal e em relação conjugal nesta pesquisa, refiro-me exclusivamente a união entre um homem e uma mulher. Ou seja, ao casal heterossexual. O que não é uma negação ou não reconhecimento de outros tipos de uniões existentes na sociedade, apenas não foram objeto de pesquisa neste trabalho.

2. UMA BREVE HISTÓRIA DA CONSTITUIÇÃO DO CASAL

Para falar sobre o momento em que o casal decide-se pela sua união através do casamento, Carter e Macgoldrick (2011) pontuam, quando um casal decide se casar cada um traz em sua bagagem: questões hereditárias, genéticas, aprendizados e experiências até aquele momento. Bem, como padrões de comportamento e tradições vividos por meio do contato e do “mergulho” em sua família de origem; a qual é seu modelo e que de certa maneira são transmitidos verbal ou através da relação com o outro, no decorrer de sua vivência familiar e no contato com a cultura na qual está inserido. Com isso, é considerado estranhamentos ou conflitos iniciais na busca de adaptação a nova vida a dois. A vida conjugal, com o passar dos anos, sofreu transformações, principalmente diante das atuais expectativas que a vida nos oferece na contemporaneidade.

Sobre a forma de constituição do casamento no decorrer dos séculos, Carter e Macgoldrick (2011) assinala que a história do casamento e da relação conjugal como nós conhecemos hoje, isto é, união entre um homem e uma mulher com o objetivo de constituir uma família e ter filhos ou não, foi se modificando com o passar dos séculos: Idade Média, Moderna e Contemporânea, até chegar num compromisso de escolha livre tendo em vista a felicidade e a realização amorosa e sexual dos cônjuges.

Segundo Macfarlane (1990), na idade média era comum o casamento arranjado. Porém, para uma mulher não contrair um casamento arranjado pelos seus pais, a única maneira era seguir a vida religiosa “negando o casamento por amor a Deus”. Mais importante do que o amor, eram os bens e a estabilidade dessa relação, especialmente para a mulher, independentemente da forma que era tratada pelo marido.

Dessa forma, afirma Macfarlane (1990), para a Igreja católica, o amor que deveria existir era somente o amor ao próximo. O casamento era uma instituição que deveria servir apenas para a reprodução da espécie e para uma união de riquezas entre as duas famílias com o objetivo de manter e somar seus bens. Somente com o passar dos anos esse modelo foi desaparecendo aos poucos. Até o final da Idade Média o amor era um sentimento ignorado. Isto é, não era prerrogativa para união dos dois cônjuges. Só passou a ser a partir do século XIX. Sendo imprescindível, não imaginando um casamento sem amor, a partir do século XX.

Assim foi constituído, através da história, a união do casal. Todas as mudanças no decorrer dos séculos foram conquistadas com intuito de que o casal ganhasse mais autonomia para fazer suas escolhas, desde a escolha do seu parceiro, até a de ser feliz, buscando a

realização afetiva, emocional e sexual de ambos. Algumas dessas mudanças serão pontuadas a seguir a partir da Idade Média, para melhor compreendermos a atuação da Gestalt-terapia no atendimento psicoterápico com casal.

2.1. União conjugal nas idades média e moderna

Segundo Lins (2014) a Igreja católica em várias épocas esteve na jurisdição de quase tudo em relação a vida das pessoas na sociedade. Ditava leis e regras especialmente em relação a vida do casal após o matrimônio. Os casamentos na Idade Média estiveram na origem de algumas das atuais tradições ligadas a ele. Neste tempo em que a fé dominava os acontecimentos artísticos, intelectuais, sociais e políticos, o casamento era claramente do domínio da Igreja.

Sobre as regras da Igreja Católica, explica Lins (2014, p. 75):

Várias regras são impostas para que os cônjuges se enquadrem num modelo aceito pela Igreja: indissolubilidade do vínculo conjugal, procriação como único justificativa para a cópula e pretensão de eliminar esta última todo o prazer. Por ser uma instituição que assegura a reprodução da sociedade, principalmente em relação à estabilidade dos poderes e das fortunas, não lhes cabe acolher a paixão, a fantasia ou o prazer. No casamento poderia haver estima, mas nunca o amor, porque o amor sensual, o desejo, o impulso do corpo é a perturbação, a desordem.

A autora continua discorrendo sobre o tema dizendo que nesse período, nesse meio social, todos os casamentos são arranjados. “O homem que toma a mulher, qualquer que seja sua idade, deve comportar-se como sênior (mais velho, senhor) e mantê-la sob seu estrito controle”. Assim, o amor do marido por sua mulher chama-se estima e da mulher por seu marido se chama reverência. A mulher como um ser fraco, deve necessariamente ser subjugada porque é naturalmente perversa, que está destinada a servir ao homem no casamento e que o homem tem o poder legítimo de servir-se dela. “Em segundo lugar vem a ideia, correlata, de que o casamento forma o embasamento da ordem social, e que essa ordem se funda sobre relação de desigualdade e reverência” (LINS, 2014, p. 76).

Assim, para Lins (2014), por causa da influência e domínio da Igreja Católica sobre a forma de viver do casal no matrimônio, a vida entre quatro paredes ficou mais recatada e tudo que era relacionado ao sexo, exceto a procriação, passou a ser pecado. Até pensar no assunto era proibido. Da mesma maneira, o amor e o casamento caminham em paralelo. Este não tinha nada a ver com amor, os interesses não se relacionavam ao desejo sexual e realização pessoal

de ambos. Somente com a descoberta do amor romântico que essa realidade começou a se modificar.

2.2. O amor erótico

Quando olhamos a definição de erotismo no dicionário Aurélio (2004) vimos que é o estímulo sensual sem apresentar o sexo em forma explícita, que é o que diferencia de pornografia. É a excitação física ou sexual, inclinação ou tendência para se excitar. O erotismo, (do francês *érotisme*, “desejo sexual) designa, de modo geral, não apenas um estado de excitação sexual, mas também a exaltação do sexo no âmbito das artes, como na literatura e na pintura, por exemplo. É através das artes que o conteúdo erótico se distingue, em algumas medidas, da pornografia, na qual tende a haver uma maior preocupação sexual do que estética. Por outro lado, a pornografia é o estudo ou descrição da prostituição. Descrição ou representação de coisas consideradas obscenas, geralmente de caráter sexual. Ação ou representação que ataca ou fere o pudor, a moral ou os considerados bons costumes (Grifo do autor).

Sem sombra de dúvidas essa é uma questão bastante difícil de responder. Pois, tais conceitos são complexos e possuem múltiplos significados. Cardella (1994) ressalta que para ser capaz de amar eroticamente, é imprescindível que a pessoa tenha se libertado das figuras anteriores, seus ancestrais, pai e mãe, pelo menos e saber se equilibrar nas polaridades feminino-masculino que cada ser humano possui. Dessa maneira, definir o território do erotismo e da pornografia é uma missão bem atrevida. Podemos dizer, em linhas bem gerais, que há alguns traços singulares entre o erotismo e a pornografia que nos possibilitam estabelecer uma diferenciação razoavelmente aceitável. Com isso, uma das diferenças mais comuns diz respeito ao "teor" mais nobre do erotismo, em contraposição com o caráter "vulgar" da pornografia. O que confere esse grau de nobreza ao erotismo é o fato dele não se vincular diretamente ao sexo, enquanto que a pornografia encontra no sexo e na sexualidade seu espaço privilegiado.

Dessa forma, podemos dizer que o erotismo estaria mais próximo do sexo implícito, isto é, aceitável e a pornografia do sexo obsceno, ou seja, direto, explícito e comercializável socialmente. Porém, distinções desta maneira podem nos conduzir a práticas preconceituosas! Afinal de contas, erótico ou pornográfico, depende dos contextos histórico, cultural ou moral

onde estivermos inseridos, com isso poderá mudar o conceito e a forma que cada um seja visto e definido.

Assim sendo, Cardella (1994), afirma que o amor erótico possui uma característica diferenciada do amor fraterno ou materno, que é a busca de união, de fusão, com outro ser, na busca de realização de um desejo. É importante ressaltar que o amor erótico se diferencia do fenômeno do “amor romântico” ou da paixão. Como todas outras formas de amor, o erótico tem como base o amor fraterno, que o distingue da “paixão”. De natureza egocêntrica e transitória. Envolve a união sexual como forma de expressão máxima e a concretização da fusão com outra pessoa. Nesse sentido, tem como característica a “exclusividade”, confundida por vezes com “passividade”, ou o desejo ou a condição de “ter o outro só para si”. A exclusividade tem, nesse caso, o caráter de entrega plena e intensa a uma única pessoa; é o profundo compartilhar da própria vida, que se caracteriza pela reciprocidade, cumplicidade e intimidade.

Sobre esse assunto Cardella (1994, p. 28) ressalta:

O amor erótico caracteriza – se pela fusão de dois seres integrados, maduros e independentes, que não se unem como o propósito de satisfazer apenas necessidades e desejos, nem de serem amados, mais sim, de amar e compartilhar o amor que sentem. É ele que proporciona a experiência de amar a humanidade através do parceiro. Inclui a permissão e o apoio para que o outro cresça e se realize como um indivíduo singular. Essa é uma experiência rara, na medida em que só pode ser vivenciada por duas pessoas integradas e tem suas bases na reciprocidade.

Com isso, a autora continua dizendo que para que cada indivíduo seja capaz de amar eroticamente, é necessário que tenha se libertado das figuras externas da mãe e do pai, e integrado as polaridades feminina-masculina, independentemente de seu sexo. Cada um carrega em sua personalidade essa polaridade e é importante essa integração para que a pessoa tenha a capacidade de amar eroticamente, ou seja, cada um de nós tem integrados em nossa personalidade, Yin e Yang, feminino-masculino e agimos de acordo com uma ou com outra dependendo da situação e da necessidade. Essas polaridades são necessárias e inerentes ao ser humano. É importante que saibamos conhecer e percorrer em ambas “caraterísticas” para que não fique congelado, cristalizado apenas um modo de se comportar masculino ou somente feminino, se possuímos naturalmente as duas é para que saibamos usufruir e ambas no momento certo.

2.3. Amor romântico ou paixão

Para Cardella (1994), a paixão ou “amor” romântico caracteriza –se como um fenômeno de curta duração, que envolve crenças, atitudes, ideais e expectativas em relação ao parceiro; frequentemente inclui o mecanismo psicológico denominado projeção, e também o êxtase provocado pelo ser “amado”, considerando o símbolo da perfeição. Esse sentimento intenso de “amor” /paixão, se dá, pois, a pessoa cria um ideal que gostaria de viver e projeta no outro esse desejo, que na realidade é seu. Por isso que normalmente as relações não se sustentam somente nesse sentimento. Quando essa projeção de alguma forma é destruída fica a realidade entre as pessoas, o que muitas vezes causa frustração e sofrimento. Originalmente, o termo “paixão” significa “sofrer”.

Com isso, seguindo mesmo raciocínio Perel (2006, p. 31) afirma que “há muito tempo, o desejo de sentir - de apaixonado pelo marido seria considerado paradoxal. Historicamente, essas duas áreas da vida eram organizadas em separado – casamento de um lado, e paixão, provavelmente, em outro lugar”. Com isso, o conceito de amor romântico, surgido em fins do século XIX, uniu as duas pela primeira vez. Só décadas depois, o sexo passou a ocupar o lugar central do casamento, fazendo surgir novas expectativas a respeito de seu papel.

Dessa maneira, Lins (2014), ressalta que o amor romântico é o ideal, mesmo que sonhador, que todo mundo deseja viver como única e plena forma de amor na sociedade ocidental moderna. O casamento, entre outros rituais românticos, seria uma maneira de as pessoas comuns, ou seja, não aqueles personagens de filmes e novelas, também viverem sua aventura, seu conto de fada da vida real. Portanto, ele não é baseado na relação com uma pessoa real, mas na idealização que fazemos dela. Com isso, não aprendemos que no dia a dia da relação conjugal passamos por conflitos, dificuldade, discordâncias, desapontamento e frustração. E esses desapontamentos vão além das grandes expectativas românticas que criamos quando estamos apaixonados. Assim, quando a realidade aparece na vida do casal, logo o parceiro é visto como um problema; duvidamos do outro, do relacionamento, e até mesmo de nós diante das decepções.

Assim sendo, a autora (2014, p. 86), descreve sobre o amor romântico:

O ideal de amor romântico surgiu na literatura com o mito de Tristão e Isolda. Por ter sido a primeira história a lidar com o amor romântico e também por ser considerada a maior história de amor do mundo, originou toda a nossa literatura romântica desde Romeu e Julieta até a história de amor que assistimos no cinema e nas novelas de TV.

As grandes mudanças no casamento começam, segundo Ariès (1986) com a modernidade. A valorização do amor individual, presente na ideologia burguesa, estabelece o casamento por amor, amor-paixão, com predomínio do erotismo na relação conjugal. Esse novo ideal de casamento impõe aos esposos que se amem ou que parecem se amar e que tenham expectativas e respeito do amor e da felicidade no matrimônio. Essa imposição teve muitas consequências e contradições. Uma delas é que acabou criando uma armadilha para os casais na medida que se acentuaram as idealizações e conseqüentemente os conflitos resultantes da desilusão pelo não atendimento das expectativas.

Dessa forma, o casamento foi implantado, segundo Ariès (1986) entre os séculos IX e XII. Neste período ocorreram muitas transformações que, na maioria das vezes não reconhecemos nas uniões atuais, outras vezes é imprescindível a comparação. Assim, as primeiras concepções de casamento não tinham a junção da instituição igreja com a aristocracia, e a influência que a primeira exercia sobre os nobres era quase nula. O casamento, em geral, era uma cerimônia ou ritual que podia perdurar dias. Os ritos de celebração eram feitos na casa dos parentes, no qual participaram os familiares e a comunidade. Compreendia um tratado entre duas partes, sendo que uma família oferecia a mulher e a outra se encarregava de dar o dote. Somente nos séculos XII e XIII que a instituição eclesiástica foi levada a intervir nas uniões, tentando aproximá-la ao máximo de um modelo sagrado, nos moldes da Igreja que estavam se definindo.

2.4. Sexualidade e intimidade

Como a Igreja Católica exercia forte influência sobre a vida das pessoas na sociedade, a sexualidade era ainda mais controlada. O sexo então era algo proibido, sujo, pecaminoso, permitido, sobre várias regras, somente aos cônjuges para procriação e como forma de poder do homem sobre a mulher. Para Foucault (1977) a sociedade que se desenvolveu a partir do século XVII - sociedade burguesa, capitalista ou industrial - deu início a uma época de repressão à sexualidade não como proibição em si, mas através da incitação dos discursos. Essa sociedade não reagiu ao sexo como uma recusa em reconhecê-lo, ao contrário, instaurou todo um aparelho para produzir verdadeiros discursos sobre ele. Nessas sociedades, não somente se falou muito sobre sexo e se forçou todo mundo a falar dele, como também instituiu-se uma verdade regulada sobre a sexualidade.

Dessa forma, se formos falar da sexualidade a luz da atualidade, sabemos que ela faz parte de toda a vida da pessoa, desde seu nascimento até a morte. A qual se modifica de acordo com o ciclo vital. Cardella (2009) ressalta que a sexualidade na vida da pessoa, assim como na de um casal, passa por muitas transformações e depende de inúmeros fatores: biológicos, psíquicos, sociais, culturais, éticos, históricos e relacionais. Além de ter diversos significados que variam de acordo com a etapa de vida na qual a pessoa se encontra, pois, em cada fase há questões, temas, conflitos e tarefas diferentes, que vão dar significado e sentido as vivências sexuais.

Assim sendo, para esta autora o casal constitui sua união já na vida adulta. Para esta autora, a sexualidade no início da vida adulta, ainda é marcada pelo vigor, é um terreno pelo qual o casal pode ganhar intimidade crescente, já que os tabus, as diferenças, as questões e os conflitos da sexualidade e da comunicação de ambos os parceiros passam a ser vivenciada e confrontados no cotidiano, chamando o casal para atravessá-los por meio do ganho de intimidade. Já na vida madura, continua autora, a sexualidade sofre profundas transformações. Como não há tanto vigor como antes, a questão da qualidade dos relacionamentos é fundamental e torna-se prioritária. O orgasmo não é um fim em si mesmo, e a frequência das relações costuma diminuir, embora, quando aconteçam, sejam encontros assinalados pela qualidade, já que há mais liberdade, desenvoltura, superação de tabus e conflitos, pudores e constrangimentos. Não há necessidade de autoafirmação, e encontro com o parceiro é mais íntimo, pois, se o casal já se relaciona há tanto tempo, a entrega e a intimidade já se constituíram.

Sobre o casal na maturidade, Cardella (2009, p. 58) destaca:

Na maturidade, o casal harmônico comunica-se silenciosamente na relação sexual; ambos vivem a experiência como viagem, como visitas, como um passeio pelo corpo, pelos sentimentos e sensações promovidos pelo encontro. O encontro em si tem significado profundo, está além do encontro genital, e o orgasmo é mais uma consequência do que um objetivo a ser alcançado.

A autora conclui dizendo que é bastante comum que na maturidade os conflitos sexuais não visitados anteriormente reapareçam e chamem o casal e a pessoa a se apropriar deles para atravessá-los. E quando o casal atravessa essas questões, o encontro costuma ser caracterizado por sentimentos de paz, de repouso, de amor, profundo, de comunhão e alegria, pois é possível “desmanchar-se” no outro – uma experiência de entrega profunda. E plena intimidade. Tal encontro costuma ser vivido como uma experiência de uma visita do sagrado.

Araújo (2002) descreve que nos séculos XIX e XX, instituiu-se um discurso disciplinador para suprimir as formas de sexualidade não relacionadas com a reprodução e com o casamento como lugar legítimo da sexualidade. Através desses discursos, multiplicaram-se as condenações judiciais das perversões menores, anexou-se a irregularidade sexual à doença mental: da infância à velhice foi definida uma norma de desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis; organizaram-se os controles pedagógicos e os tratamentos médicos. Até o século XVIII, o sexo lícito era restrito às relações matrimoniais e carregado de prescrições. Romper as regras do casamento ou procurar prazeres estranhos merecia a condenação moral e jurídica. As práticas sexuais fora do casamento - sexualidade das crianças, homossexuais, perversões, devaneios, obsessões, eram consideradas contra a natureza. Os libertinos carregavam o estigma da loucura moral, neurose genital, desequilíbrio psicológico, entre outros.

Já para Giddens (1993) as mudanças que vêm acontecendo no amor, no casamento e na sexualidade ao longo da modernidade resultaram em transformações radicais na intimidade e na vida pessoal dos indivíduos. Nesse processo, a chamada revolução sexual e a emancipação feminina tiveram um papel fundamental. Dessa forma, a transformação da intimidade, segundo autor, as novas formas de relacionamento que resultaram dessas mudanças têm como base a igualdade e os princípios democráticos. Para apreender essa realidade atual, Giddens (1993) lança mão de três categorias básicas: o amor confluyente, a sexualidade plástica e o relacionamento puro.

Segundo o mesmo autor, o amor confluyente é mais real que o amor romântico, porque não se pauta pelas identificações projetivas e fantasias de completude. Presume igualdade na relação nas trocas afetivas e no envolvimento emocional. A sexualidade plástica é uma sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução. O relacionamento puro é um relacionamento centrado no compromisso, na confiança e na intimidade. Implica em desenvolver uma história compartilhada em que cada um deve proporcionar ao outro, por palavras e atos, algum tipo de garantia de que o relacionamento deve ser mantido por um período indefinido. Nesse tipo de relacionamento, o que conta é a própria relação, e a sua continuidade depende do nível de satisfação que cada uma das partes pode extrair da mesma.

Sobre a intimidade, Giddens (1993, p. 11) descreve:

A intimidade implica uma total democratização do domínio interpessoal, de uma maneira plenamente compatível com a democracia na esfera pública. Esse processo

de democratização das relações pessoais afeta profundamente as representações e vivências do casamento. No contexto brasileiro, principalmente entre os segmentos médios urbanos mais intelectualizados, o casamento tradicional regido pela dominação masculina vem dando lugar a outra forma de casamento, onde a mulher reivindica igualdade e há uma constante negociação no relacionamento, conforme descrevemos em outros trabalhos. Nesse tipo de casamento, a intimidade tende a se reestruturar com base em novos valores, entre os quais amizade e companheirismo se colocam como fundamentais.

Dessa forma, conclui Araújo (2002) a transformação da intimidade passa necessariamente por uma análise de gênero. Como diz Giddens (1993), a intimidade é acima de tudo uma questão de comunicação pessoal, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal. Nesse cenário, as mulheres tiveram um papel de revolucionárias emocionais da modernidade e prepararam o caminho para expansão da intimidade algumas disposições psicológicas têm sido a condição e o resultado desse processo, assim como também as mudanças materiais e sociais que permitiram às mulheres reivindicar a igualdade e propor mudanças nas relações de gênero. Araújo (2002) afirma ainda que as mulheres foram promotoras dessas mudanças, mas, vale lembrar que elas não fizeram esse trabalho sozinhas. A construção de relações amorosas e sexuais mais democráticas e igualitárias dentro ou fora do casamento é uma conquista de homens e mulheres.

2.5. Visão contemporânea do casal

Sabemos que para tornar-se um casal não é uma tarefa fácil. Pode-se dizer que este é um dos mais desafiadores ciclos de vida da família, o qual passa por encontros e desencontros desde a escolha do parceiro, combinação de estilo de vida, personalidade, cultura. O que se estende à combinação e preparação de tudo em relação a cerimônia, o casamento e vida após esta união. Onde vão morar? Como vão morar? Todas essas, são questões que permeiam a vida do casal desde o primeiro momento em que se decidem unir-se por meio do matrimônio. É uma adaptação em vários aspectos e de cada um, pois são duas pessoas em suas individualidades vivendo uma relação. Dessa forma, sabe-se que nesse processo o casal deve fazer alguns ajustes, antes vistos como questões individuais, mas que agora devem ser pensadas em conjunto para uma boa convivência e maior satisfação de ambos.

A esse respeito, Carter e McGoldrick (2011, p. 184), afirmam:

O casamento requer que duas pessoas renegociem juntas uma miríade de questões que definiram previamente para si em termos individuais, ou que foram definidos por suas famílias de origem, tais como quando e como comer, dormir, conversar, fazer

sexo, brigar, trabalhar e relaxar. O casal precisa decidir a respeito das férias, e como utilizar o espaço, o tempo e o dinheiro. Também existem decisões a respeito das tradições e rituais familiares que serão mantidos e daqueles que os parceiros desenvolverão sozinhos. Essas decisões não podem mais ser determinadas unicamente numa base individual.

Dessa forma, ainda segundo essas autoras, “o casal também terá que renegociar os relacionamentos com os pais, irmãos, amigos, familiares, em vista do novo casamento”. (p. 185). Elas ressaltam ainda que o lugar do casamento no ciclo de vida tem mudado dramaticamente. Os homens e mulheres, como nunca antes, estão fazendo sexo mais cedo e casando mais tarde. Uma proporção cada vez maior está vivendo junto antes do casamento, ou inclusive vivendo com vários parceiros antes de revolver casar. O casamento costumava ser o principal marco de transição para o mundo adulto, porque ele simbolizava a transição para a paternidade; atualmente, ele muitas vezes reflete uma continuidade da fase da idade adulta jovem ou mesmo da adolescência e muitos casais veem optando por não terem filhos ou temem mais tardiamente.

2.6. Aliança e sexualidade

Aliança e sexualidade constituem, sem dúvida alguma, duas das mais importantes dimensões da vida conjugal. Ambas, de alguma maneira, fizeram parte da vida do casal de formas diferentes em que as concebemos hoje. Aliança era feita em relação as duas famílias e a junção dos seus bens, a noiva era oferecida em troca de um excelente dote. A sexualidade era proibida, escondida, permitida timidamente no casamento com algumas regras e limites. Hoje, ambas são permitidas e vivenciadas pelo casal de forma livre espontânea como aspectos peculiares a contemporaneidade.

Sobre aliança matrimonial o evangelista Mateus 19.3-6 (1999, p. 1307) descreve na Bíblia Sagrada:

Os fariseus vieram perguntar-lhes para pô-lo a prova: É permitido a um homem rejeitar sua mulher por um motivo qualquer? Respondeu – lhes Jesus: “Não lestes que o Criador, no começo, fez o homem e a mulher e disse: por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e os dois formarão uma só carne. Assim, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, não separe o homem o que Deus uniu.

Dessa forma, vimos que a aliança do casal tem o significado de fazer um compromisso com o outro. Segundo a bíblia, é uma aliança entre Deus e duas pessoas que se unem pelos

laços matrimoniais¹. Ela vai muito além de um simples anel e um contrato de casamento; a aliança é um compromisso ilimitado que o casal assume diante de Deus e dos homens como confissão de amor eterno. Como ressalta Mateus (19:6): “De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus uniu não separe o homem”. Quem faz aliança torna-se aliado. Um aliado é um companheiro, um amigo, um parceiro, alguém que joga no mesmo time, que defende as mesmas causas. É por isso que o Matrimônio exige a aliança. O anel no dedo é apenas o sinal visível da aliança existente entre duas pessoas que se escolheram para serem uma só pessoa, vivendo uma só relação.

Com isso, a relevância do casamento para os indivíduos na sociedade contemporânea é discutida historicamente por Foucault (1977) e por Féres-Carneiro (1998). Foucault formula o conceito de "dispositivos"² para explicar como a aliança e a sexualidade se articulam em aparelhos e instituições. Para ele, que estuda sobretudo a constituição do modelo burguês de casamento, a produção da sexualidade está ligada a dispositivos de poder. Num primeiro momento, a sexualidade fez parte de uma técnica de poder centrada na aliança, onde ficou estabelecido todo um sistema de casamento, de fixação e desenvolvimento de parentescos, de transmissão de nomes e bens. Coube a este dispositivo de aliança ordenar e manter a homeostase do corpo social. Ao mesmo tempo, se fixou a partir daí o dispositivo da sexualidade, não mais referido à lei, mas ao próprio corpo, à qualidade dos prazeres, à própria sexualidade no seio familiar. Os pais tornam-se, na família, os principais agentes deste dispositivo, e o sistema de aliança passa então para a ordem da sexualidade. A função do dispositivo de sexualidade na forma de família permite, segundo Foucault, compreender por que a família, além de manter a homeostase do corpo social, se tornou lugar obrigatório dos afetos, dos sentimentos, do amor, sendo também o principal ponto de eclosão da sexualidade.

Sobre esse assunto, Perel (2006) diz que em sua experiência de mais de 20 anos de prática com casais é que, enquanto criam segurança, muitos casais confundem amor com

¹ Essa passagem faz referência a Gênesis 2.23-24 onde fala da união do casal. Tanto lá, como aqui no novo testamento, essa união é interpretada por casamento ou matrimônio, palavras não utilizadas nos textos bíblicos.

² A filosofia de Foucault muitas vezes se apresenta como uma análise de “dispositivos” concretos. Mas o que é um dispositivo? É uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada uma está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada). É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas. O dispositivo em si mesmo e a rede que se estabelece entre esses elementos. O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.

absorção³. Essa confusão é um mal presságio para o sexo. Para ser mantido, o impulso para outro precisa atravessar uma sinapse. O erotismo exige distância e diferenciação. Em outras palavras, o erotismo viceja no espaço entre o eu e o outro. Para entrar em comunhão com a pessoa amada, precisamos ser capazes de tolerar esse vazio e seu véu de incertezas. Dessa forma, muitos casais hoje não mantêm relações sexuais com frequência, mesmo quando as partes declaram se amar. Por esses motivos e pelas ocupações atuais. Hoje, os casais estão muito ocupados, muitos estressados, muito envolvidos na criação dos filhos e muito cansados para terem relações sexuais frequentemente.

2.7. Relacionamento, amor e intimidade

O ser humano nasce, cresce, vive toda sua existência e morre se relacionando com o outro. Como afirma Cardella (2009) não podemos prescindir das relações, pois elas são a própria existência humana. Uma vida relacional empobrecida rouba o sentido dessa vida. Ao alcançarmos posições éticas e criativas nos relacionamentos, tornamos-nos disponíveis para a experiência amorosa e para a intimidade. É preciso ter encontrado um sentido de si mesmo para se sentir acompanhado e ter uma existência, de fato, compartilhada. Todos nós almejamos, de alguma forma, viver um relacionamento para compartilhar amor, respeito; queremos cumplicidade, buscamos alguém para ser testemunha de nossa existência e a quem possamos oferecer confiança e amorosidade. Queremos alguém para nos acompanhar e tornar nossa história de vida significativa.

Assim, para autora, amor e intimidade acontecem com o amadurecimento de uma relação, que é fruto também do pleno desenvolvimento de cada um dos parceiros. É uma entrega ao nós, o que não quer dizer perder fronteiras pessoais. Cada um tem seu limite, seu espaço, sua individualidade. Vale ressaltar que amadurecimento não é um momento, é um processo. É a própria travessia pela vida. Não há um momento em que estejamos prontos, acabados. Ser humano é estar sempre em trânsito, em um vir a ser. E o amor é uma construção muito abstrata e pessoal, mas certamente com predomínio de sentimentos, emoções e afeto, portanto não tem como pensar muito sobre ele, mas sim sentir e vivê-lo dentro do coração.

³ Ato ou efeito de fazer desaparecer ou transformar alguma coisa ou pessoa, incorporando-a ou assimilando-a a outra. Anexação de território, terreno e pessoas (FOUCAULT, 1977 – 53 / grifo do autor).

Cardella (2009, p. 38) sobre relacionamento, amor e intimidade, ressalta:

Relações nos ensinam a renunciar, nascer, crescer e morrer. Relações lapidam nossas potencialidades para transformá-las em realizações e capacidades. É no atrito, no conflito, no confronto com a diferença que tal lapidação se dá. A relação profunda promove a alquimia, que nos faz outros para nós mesmo. O amor é a vivência de vários aspectos juntos: paixão, relacionamento, intimidade e compromisso. Tudo isso junto transforma o eu para viver o nós. E uma relação íntima exige de cada um dos cônjuges, tempo e dedicação.

Inspirados nas palavras da autora, podemos frisar que o amor verdadeiro fundamenta - se na vivência do casal no equilíbrio da tríade, a qual é composta de: intimidade, paixão, que pode se transformar em amor, e compromisso na relação, mais do que uma utopia, pode se transformar numa realidade quando vivida por ambos na relação conjugal e que os dois desejam viver mais do que uma simples história de amor, querem viver intensamente um momento que se estenda para a eternidade comungando ambos da plenitude que se encontra na perfeição de se compreenderem e aceitarem como são. Ou seja, dois universos complexos que se complementam, e por isso, se justifica a união.

3. A GESTALT-TERAPIA E A TEORIA DE CAMPO

Como definir a Gestalt, uma vez que não se tem uma palavra equivalente em nossa língua para expressar seu significado? Por isso, esta é uma tarefa nada fácil. Dessa forma, podemos tentar defini-la como uma forma, uma configuração, uma estrutura, uma totalidade organizada. Vale ressaltar ainda que “nossos dicionários comuns só registram, até agora, o primeiro sentido, histórico, de psicologia da Gestalt, teoria segundo a qual nosso campo perceptivo se organiza espontaneamente, sob a forma boa, ou boa forma”. (Ginger & Ginger, 1995, p. 13).

Segundo os mesmos autores, um dos principais temas trazidos por ela é tornar mais explícito o que está implícito, projetando na cena exterior aquilo que ocorre na cena interior, permitindo assim que todos tenham mais consciência da maneira como se comportam aqui e agora, na fronteira de contato com seu meio. Trata-se de seguir o processo em curso, observando atentamente os “fenômenos de superfície”, ou seja, aquilo que é figura para pessoa naquele momento. Os autores se referem nesse texto a dinâmica de figura e fundo que acontece constantemente na vida do ser humano. Em todo instante existe alguma coisa que é figura e quando é realizado essa necessidade essa figura se torna fundo para dar espaço para outra figura.

Perls (1977, p. 19) a define como:

Gestalt é uma palavra alemã para a qual não há tradução equivalente em outra língua. Uma Gestalt é uma forma, uma configuração, o modo particular de organização das partes individuais que entram em sua composição. A premissa básica da psicologia da Gestalt é que a natureza humana é organizada em partes ou todos, que é vivenciada pelo indivíduo nestes termos, e que só pode ser entendida como uma função das partes ou todos dos quais é feita.

Dessa forma, a Gestalt-terapia é um modelo psicoterápico que visa enfatizar a responsabilidade da pessoa na sua experiência individual do momento atual. Ou seja, no aqui-e-agora, no relacionamento entre terapeuta cliente, na autorregulação e ajustamento criativo do indivíduo, levando em conta sempre o meio ambiente e o contexto social, que constituem o ser de um modo geral. Pois, entendemos que a pessoa recebe influência de todo o campo que a circunda: família, cultura, religião, política, o costume/tradição, desde as questões mais próximas a ela, como no seu bairro por exemplo, a mais distantes e maiores, como cidade, Estado, país, enfim, o mundo de modo geral influencia a pessoa e essa, por sua vez, também realiza trocas por meio do seu relacionar.

Sobre este assunto Perls (1977, p.19) assinala:

Gestalt terapia é uma das forças rebeldes, humanistas e existenciais da psicologia, que procura resistir à avalanche de forças autodestrutivas, auto derrotistas, existentes entre alguns membros de nossa sociedade. Ela é "existencial" num sentido amplo. Todas as escolas do existencialismo enfatizam a experiência direta, mas a maioria delas tem uma moldura conceitual. Kierkegaard com sua teologia protestante, Buber com seu judaísmo, Sartre com seu comunismo e Biswanger com a psicanálise. A gestalt-terapia é integralmente ontológica, pois reconhece tanto a atividade conceitual quanto a formação biológica de Gestalten. É, portanto, autossustentada e realmente experiencial.

Dessa maneira, este autor prossegue dizendo que a Gestalt-terapia, embora formalmente apresentada como um tipo de psicoterapia, é baseada em princípios que são considerados como uma forma saudável de vida da qual o ser humano precisa se apropriar dela, buscando cada dia sua autorregulação orgânica. Ela é primeiro uma filosofia, uma forma de ser, e com base nisso, há maneiras de aplicar este conhecimento de forma que outras pessoas possam beneficiar-se dele. Gestalt-terapia é a organização prática da filosofia da Gestalt. Felizmente, o Gestalt-terapeuta é antes identificado por quem ele é como pessoa, do que pelo que é ou faz. Este também precisa se apropriar do seu jeito de ser gestalt terapeuta.

A Gestalt-terapia surge num contexto, denominado, pós guerra, onde estavam “pulsando” várias acontecimentos, como: revolução feminina, a questão racial, etc. A psicologia que imperava até então era a psicanálise e Behaviorismo. A psicanálise que trabalha com a interpretação e a busca do passado para entender o sintoma da pessoa, onde a relação entre analista e paciente é vertical. O analista é quem mais sabe sobre seu cliente, ele apenas foi buscar sua ajuda através da fala livre ele expressara conteúdos que estão reprimidos no inconsciente.

Assim sendo, o Behaviorismo trata do comportamento como observável com previsão de mudanças. O comportamento é o objeto de estudo no ser humano. O ser humano é reduzido ao seu comportamento, estímulo e resposta. Preocupação com a ciência. Dessa forma, diante desse panorama, surgiu então a terceira força, a qual veio contestar essa realidade. Que diferentemente da psicanálise e do behaviorismo, na Gestalt-terapia nós interpretamos no sentido de investigação, mas, juntamente com o cliente, buscando uma integração de suas polaridades desconhecidas ou não conscientes. A relação entre terapeuta e cliente é horizontal, descobrimos juntos através do presente, aqui e agora, pois, acreditamos na sabedoria orgânica de autorregulação do organismo.

A Gestalt-terapia trabalha, segundo, Perls (1977, p. 19) com o objetivo:

Nosso objetivo como terapeutas é ampliar o potencial humano através do processo de integração. Nós fazemos isto apoiando os interesses, desejos e necessidades genuínas do indivíduo. Muitas das necessidades individuais se opõem à sociedade. Competição, necessidade de controle, exigências de perfeição e imaturidade, são características de nossa cultura atual. Deste fundo surge a praga e a causa de nosso comportamento social neurótico. Neste contexto nenhuma psicoterapia pode ter sucesso, nenhum casamento insatisfatório pode ser melhorado. Mas o mais importante é que o indivíduo é incapaz de dissolver seus próprios conflitos internos e chegar à integração.

Com isso, podemos frisar que a Gestalt-terapia desenvolveu-se a partir de algumas tendências filosóficas, psicológicas e culturais. Como bases filosóficas a teoria lança mão do existencialismo, humanismo e da fenomenologia colocando assim, a abordagem, no grupo da Psicologia Humanista considerada como a terceira via, ao lado da psicanálise e da terapia behaviorista/comportamental, vigentes no momento do seu surgimento. Foi influenciada pela cultura pós-guerra, que levantaram novos paradigmas epistemológicos, filosóficos e culturais. A cultura hippie foi bastante presente na vida de Perls, assim como também as filosofias orientais.

Depois da desvinculação de Perls em relação à psicanálise, ele passou a utilizar-se de vários conceitos de psicologia para construir o corpo teórico da Gestalt-terapia. O referencial teórico são Teorias como a Psicologia da Gestalt; Teoria de Campo; Teoria Organísmica e o Holismo. O objetivo aqui não é desenvolver cada uma dessas bases filosóficas nem das teorias de bases da Gestalt-terapia. Porém, a Teoria de campo será desenvolvida a seguir por ser a que melhor auxilia o terapeuta na clínica gestáltica com casal.

3.1. Teoria de Campo

A teoria de campo que mais utilizamos é a de Kurt Lewin e sua maior contribuição à Gestalt-terapia é na aplicação ao processo de aprendizagem e aos processos grupais. A Gestalt-terapia afirma que a pessoa deve ser vista como um todo, ou seja, que seu comportamento só se torna compreensível a partir de sua visão dentro de um determinado campo com o qual ela se encontra em relação e no qual ela vive no espaço e tempo.

Sobre este assunto Lewin (1965, p. 16) descreve:

Ao definir um determinado campo, ou espaço de vida, é importante também caracterizá-lo de modo que se possa tratar satisfatoriamente a interdependência de suas partes. Finalmente há o problema de especificar sua localização e profundidade no tempo. Este princípio afirma que o espaço de vida se mantém através do tempo, é

modificado por fatos, e é um produto da história, mas só o sistema contemporâneo pode ter efeitos num determinado momento.

Com isso, Lewin (1965), seguindo a tradição da Psicologia da Gestalt, já compreendia que a psicologia deveria sempre estudar os indivíduos, levando em consideração as características da pessoa, de seu estado momentâneo e do meio circundante. Os conceitos psicológicos precisam ser capazes de representar os processos que ocorrem em uma pessoa não como fatos isolados, mas sim levando em consideração as correlações destes com as situações concretas do contexto de vida deste indivíduo.

Assim sendo, Yontef (1998), ressalta que a teoria e a prática da Gestalt terapia estão construídas sobre a importância de adquirir consciência do nosso processo de awareness. O processo de nosso pensamento é um aspecto importante de se observar diariamente. Nós o tratamos em terapia, e precisamos tratá-lo também em nossas teorizações e ensinamentos. Dessa forma, Perls, Hefferline e Goodman (1997), discutem a necessidade de interação entre a maneira de pensar e a de estar inserido no mundo. O que alguém pensa a respeito do mundo, incluindo sua orientação filosófica, em parte, uma função do caráter e vice-versa; caráter é, em parte, uma função da nossa maneira de pensar. A teoria de campo indica o processo pelo qual pensamos.

Seguindo o pensamento deste autor, vimos que a teoria de campo ilustra o ponto de vista de Lewin, de que não há nada mais prático do que uma boa teoria. A teoria de campo auxilia a focar o que é importante e essencial, e o que é periférico nas nossas ações. Com isso, pode ser útil identificar as trivialidades que reduzem a intensidade da preparação para as diferentes maneiras de fazermos e estudarmos as coisas. Acredito que a teoria de campo pode fornecer orientações e posicionamento, por exemplo, na avaliação e na assimilação de ideias, metodologias e novas tecnologias. A teoria de campo pode não apenas suprimir orientação intelectual para nossas pesquisas e terapias, como também promover um referencial para se comunicar de várias maneiras, não só a comunicação teoria, mas de modo particular, na prática, isto é, no processo terapêutico do cliente na busca de sua awareness.

Dessa maneira, continua Yontef (1998, p. 179):

Ademais, eu argumentei que, como uma teoria de campo é uma parte vital da teoria da Gestalt terapia, sobre a qual a metodologia da Gestalt terapia é construída, um Gestalt terapeuta que deseja uma compreensão abrangente de sua abordagem escolhida precisa estudar teoria de campo. Alguns conceitos centrais da Gestalt terapia são difíceis ou impossíveis de entender, sem a atitude teórica de campo. Talvez seja

possível levar a prática de Gestalt terapia apenas com um estudo superficial da teoria de campo, mas é certamente necessária uma compreensão mais profunda para realizar trabalho teórico, de ensino ou treinamento. Acredito que qualquer pessoa que ensine ou escreva teoria da Gestalt necessite de um entendimento detalhado da teoria de campo.

Com isso, a teoria de campo como essencial para o trabalho na Gestalt terapia, entendemos que esta teoria capacita a Gestalt terapia a manter o foco na pessoa, como agente ativo e único responsável pela sua vida e pelo seu crescimento e desenvolvimento. Ter sempre em mente as complexidades das relações de campo no presente, e das mudanças que, inevitavelmente, ocorrerem como passar do tempo e os diferentes contextos e maneiras pelas quais as pessoas constroem os seus *selves*. Pois, o campo muda e se destrói e constrói com o tempo e com o lugar nos quais a pessoa vive e se relaciona. Este meio social no qual a pessoa estiver inserida é parte de seu campo. Por isso, podemos dizer que o campo é dinâmico e extenso.

3.2. Características do campo

Yontef (1998), define campo como uma totalidade de forças mutuamente interinfluenciáveis que, em conjunto, formam uma totalidade interativa unificada. Uma totalidade de forças que estão em conexão e em íntima relação influenciado e sendo influenciadas constantemente. Dessa mesma maneira o é o casal em sua relação conjugal, estão sempre em conexão, influenciando e sendo influenciado constantemente.

Por outro lado, Ribeiro (2012) ressalta que o mundo é um campo em ação. Onde tudo se movimenta e está em constante transformação. Nós somos um subcampo nesse campo maior, vivendo em permanente troca, em permanente intrarrelação campo-organismo-meio. Dessa forma, somos todos afetados pelo mundo e o afetamos igualmente, no sentido de que não somos realidades separadas, pois, somos o mundo que pensa, sente, faz e fala, ao passo que o mundo somos nós nos expressando por meio de todas as variáveis não psicológicas e não humanas com quantidade que nos afetam no tempo em que vivemos.

Sobre este mesmo assunto Lewin (1965, p. 50) nos aponta dizendo que:

É certo que a teoria de campo dá ênfase à importância do fato de que qualquer acontecimento é a resultante de uma multidão de fatores. O reconhecimento da necessidade de uma razoável representação dessa multiplicidade de fatores interdependentes, é um passo em direção da Teoria de Campo. Contudo, isso não é suficiente. Teoria de Campo é algo mais específico.

Seguindo assim, podemos afirmar que a abordagem de campo é holística, está como um todo organizado e se relaciona com tudo. E o princípio de capacidade de se relacionar, de Lewin, afirma que um evento é sempre o resultado de uma interação entre dois ou mais fatos. Ou seja, cada fenômeno é estudado no contexto de uma complexa teia de forças inter-relacionadas, que se reúnem no tempo e no espaço, formam uma fatalidade unificada chamada campo, e mudam dinamicamente com o tempo. Ou seja, o campo é usado para enfatizar a complexa totalidade de influências interdependentes, nas quais um organismo funciona; a constelação de fatores independentes, que respondem por um evento psicológico.

Sendo assim, a expressão campo é contínuo no espaço e no tempo e dá-nos uma conotação de movimento, de mudança, de energia, de dinamicidade das coisas e pessoas presentes em um determinado lugar, o qual possui algum momento, mesmo que seja presente, passado, futuro. Nesse sentido, Yontef (1998) ressalta que usando esta abordagem pensa-se em sobreviver, movimentar, mudar, a interação energética. As forças do campo são totais, e se desenvolvem em uma época. Esta abordagem é algo que existe no espaço e no tempo, em oposição a uma partícula que existe apenas em um ponto. Vimos então, essa relação dinâmica entre um lugar⁴ e uma época⁵ que dá essa dinamicidade sistemática de relacionamento entre tudo e entre todas as coisas.

Entretanto, quando olhamos objetos e organismos, percebemos que eles existem apenas como parte de um campo fenomenologicamente determinado, e sua significação se dá apenas como interação num desses campos. Nesse sentido, Lewin (1965), afirma que qualquer manifestação de energia por uma pessoa, em um determinado espaço, tem de ser definida em termos do campo todo, pois todo o campo é afetado com esse movimento, uma vez que tudo está em relação.

Sobre isto, Yontef (1998, p. 189) ressalta:

Isto inclui tanto a influência da pessoa sobre o resto do campo quando as influências do resto do campo sobre a pessoa. Este é um aspecto crucial da teoria de campo, que é idêntico ao da fenomenologia (especialmente, que realidade é uma construção fenomenológica do observador e do observado) e a visão dialógica de que “Eu” é apenas do “Eu – Tu” ou do “Eu – Isso”.

⁴ A palavra foi usada como sinônimo de espaço para evitar a repetição da mesma durante o parágrafo.

⁵ A palavra foi usada como sinônimo tempo para evitar a repetição desta no mesmo parágrafo.

Com isso, continua o autor, ser de um campo não é apenas estar num campo. “Num campo” define o organismo ou o objeto em termos absolutos, ou seja, fora do campo, e então adiciona o campo para obter contexto. Uma pessoa tem uma existência, sua forma, essência, independente do campo, e está conceitualmente colocada nele. Não há nada que a visão de um campo considere como um “não de um campo”. O fato de estar em um campo já o define como tal neste campo.

Para Lewin (1965), o comportamento é uma função do campo, do qual ele é parte. Dessa forma, uma análise deste começa com situações como um todo. Experienciar também é uma função do campo do qual ele é parte. Todos os movimentos de qualquer parte são determinados pelo campo todo. Com isso, Yontef (1998), pontua que “o campo organismo/ambiente determina a pessoa. Obviamente, esta é uma das maneiras de expressar o princípio da psicologia da Gestalt de que o todo determina as partes”. (p. 193).

3.3. O campo é uma fatalidade unitária; tudo no campo afeta todo o resto

Para Yontef (1998), a propriedade de um campo é seu aspecto dinâmico. Isto é, num campo dinâmico existe interação entre todas as suas partes, de maneira que, o estado de qualquer parte desse campo depende de todas as outras. Num campo de energia, todas as partes se inter-relacionam, e uma alteração em qualquer parte do campo ondula através do campo. Com isso, a totalidade unificada pode e precisa ser diferenciada em partes para poder ser dinamicamente entendida. Ela é uma unidade sistemática, sem adição de elementos.

Assim esclarece Yontef (1998, p. 196):

Quando algo acontece com um membro de uma família, de algum modo, todos são afetados. Quando uma pessoa da família muda, todos são afetados. Com frequência, a família como um todo tem uma necessidade que está incorporada em um membro da família, por exemplo, o paciente estigmatizado. Todos na família são afetados por isso.

Dessa maneira, este autor ressalta ainda que frequentemente pequenas mudanças têm efeitos enormes, porque tudo no campo é afetado de maneira imprevisível. Com isso, quando as pessoas encarregadas por algum planejamento fazem mudanças sem considerar adequadamente os efeitos em todos os aspectos do campo, podem ocorrer interrupções de funcionamento desastrosas, negativas e, provavelmente, evitáveis.

Enfim, Yontef (1998, p. 210) define a Teoria de Campo:

Teoria de Campo é um enfoque ou ponto de vista para examinar e elucidar eventos, experiências, objetos, organismo e sistemas, que são partes significativas de uma totalidade conhecível de forças mutuamente influenciáveis, que, em conjunto, formam uma totalidade unificada interativa contínua (campo), em vez de classifica-las de acordo com a natureza inata ou analisa-las com a finalidade de obter aspectos separáveis e fatalidades formativas e somáveis. A identidade e a qualidade de qualquer evento, objeto ou organismo desse tipo apenas o é, em um campo contemporâneo, e ⁶comente pode ser conhecida, por meio de uma configuração, formada por uma interação mutuamente influenciável entre percebido e percebido.

Imbuídos nas palavras deste autor, podemos concluir que a teoria de campo é uma totalidade que permeia a Gestalt-terapia. Ela é o ímã que atrai a bússola da Gestalt-terapia. A teoria de campo é a visão do mundo científico que integra os diversos frutos das várias fontes da Gestalt-terapia. A teoria de campo torna possíveis os conceitos de organização dinâmica, tais como fronteira de contato, *self* como processo, etc. Ela é o “cimento cognitivo” que mantém unido o sistema da Gestalt-Terapia.

Após percorrer a Teoria de Campo e percebermos que tudo em um campo afeta tudo e todos. Além, de serem afetados por causa da íntima conexão e inter-relações nas quais estamos inseridos em todo tempo e espaço. Desse mesmo modo o é o casal em sua relação. Ou seja, tudo o que acontece no campo/casal, afeta ambos e o que cada um faz afeta o outro e vice-versa. Desse modo, a Teoria de Campo convida o terapeuta a trabalhar esse campo que é o casal. Sendo assim, o capítulo a seguir tratar-se-á da clínica gestáltica com casal. Vale ressaltar também que tudo que será discutido neste capítulo devemos levar em consideração esses aspectos descritos na Teoria de Campo. Eles estão inseridos e permeiam a vivência do casal, assim como o manejo do gestalt terapeuta na clínica com casal.

⁶ A teoria de Campo como cimento cognitivo é o conhecimento que mantém ligadas, firmes, consolidadas como uma base forte que sustenta a Gestalt-terapia e o trabalho do terapeuta na clínica gestáltica com casais.

4. A ESCOLHA DO PAR E O ENCONTRO COM A CLÍNICA GESTALTICA

Quando olhamos a história do casamento vimos que desde sempre as pessoas tiveram algum motivo que as fizeram buscar um companheiro, uma relação conjugal. É óbvio que em cada momento da história tivera sua peculiaridade no que tange a união do casal. E hoje, no século XXI, as pessoas desejam e buscam relacionamentos igualmente; buscam uma união por meio do matrimônio. Porém, uma interrogação sempre nos passa a mente: o que leva as pessoas a querer uma vida a dois por meio do casamento nos dias atuais? Silveira (2000, p. 8), “ressalta que os parceiros pretendem construir um novo grupo familiar e veem-se maduros o suficiente para essa decisão”. Dessa maneira, encontram alguém muito especial em quem depositam a esperança de compartilhar amor e sexo, dividir economias e conhecimentos, aliviar dores e sofrimentos, confirmar valores, realizar juntos os sonhos e expectativas comuns a todos os casais. Torna-se necessária uma escolha madura. Porém, o que se escolhe, como se escolhe, quem se escolhe que possa comprometer-se com uma relação futura.

Silveira (2000, p. 8) destaca:

A escolha, entretanto, não é tão ingênua e neutra quanto possa parecer à primeira vista. Tampouco é lógica e racional a ponto de ter um caráter de previsibilidade de êxito dos futuros relacionamentos matrimoniais. Escolher um par inclui um encantamento que leva o indivíduo a se dispor a morar junto com o seu objeto de encanto e com ele dividir toda a sua intimidade. A pessoa que escolhe age em função de anseios que ela nem sabe ao certo quais são, e aí está incluída uma série de necessidades não conscientes relacionadas a experiências passadas e fantasias com relação ao futuro que atuam no momento presente, fazendo que o parceiro escolhido seja visto da melhor ótica possível e com características que permitem um perfeito encaixe para a relação que começa a se construir. A escolha do par e a decisão de unir-se incluem necessidades cujos conteúdos não estão conscientes, mas que se mostram através de uma maior intensidade emocional, experiências passadas bem ou mal resolvidas e decorrentes de sonhos para o futuro.

Com isso, seguindo este raciocínio da autora, esses aspectos inerentes a escolha do parceiro passa a serem conhecidos apenas pela ação e levam os parceiros a se iludirem no decorrer da convivência, pois, eles acabam concebendo verdades diferentes da realidade percebida, especialmente se estiverem muito apaixonados. O amor apaixonado, presente no começo da maior parte das relações, funciona como proteção contra conflitos subjetivos e dá a sustentação inicial para as pessoas que pretendem continuar juntas. Porém, não é o que sustenta a relação à vida toda. Os casais precisam desenvolver outros mecanismos de vida a dois que os mantém juntos, como: companheirismo, parceria, troca, admiração, cuidado, responsabilidade

um pelo outro, etc., senão essa escolha durará somente até a paixão acabar. A paixão, trata-se de uma ilusão, o amor apaixonado tende a diminuir ao longo do tempo, e o casal, surpreso, confronta-se com a desilusão, decepção, o sentimento de fracasso. Nota-se que cada casal pensa que é o único a experimentar esses sentimentos e tende a buscar em que foi que falhou. A vida conjugal necessita passar por entusiasmo, conquista, ter perspectivas, sonhos, objetivos e aprender a superar a desilusão. Isso fica mais fácil se o casal ao longo da vida apreender a buscar alguns “aspectos nutritivos” que fazem sentido para eles e que os mantêm unidos.

Por outro lado, vale ressaltar o que Ângelo (1995), terapeuta da corrente sistêmica, fala acerca da escolha. Ao considerar a escolha do parceiro podemos observar que são percebidos, na pessoa escolhida, elementos específicos correspondentes às atitudes que interessam. Isto é, elementos, características ou formas de personalidades que faltam é exatamente isto que a pessoa quer encontrar na pessoa escolhida. É como se sem saber, a pessoas acabasse buscando no seu parceiro questões relacionadas a sua própria vida, vivência, desejos e outros elementos que tenham a ver com sua história de vida. Tudo isso vem de encontro com sua experiência até aquele momento.

Sendo assim, outros elementos que podemos observar claramente nessa escolha são aqueles que refletem a história familiar da pessoa, bem como as formas de lidar com união e separação que propiciam maior ou menor capacidade de diferenciação e decorrente elaboração da perda do objeto sonhado. Os ideais, os julgamentos de valor, as metas implícitas e explícitas, as aspirações sociais, as formas diferentes de satisfação das necessidades de amor e intimidade, os papéis que cada pessoa viveu, os papéis esperados pelos pais e por fim, a forma como tudo isso é articulado interferem na percepção do outro. A atenção, a desatenção e as distorções dos mais variados aspectos da atitude do outro pesam então na seleção feita. Verifica-se assim se que o casamento se faz a partir da história de cada um dos cônjuges e de como essas histórias se entrelaçam no momento presente, dando uma nova configuração que envolve repetições e criações na vida a dois. Com isso, cada cônjuge busca no outro, no seu parceiro escolhido, algo que lhe falta, a partir da sua história vivida e dos aspectos relacionais a sua família.

Zinker (1997), acrescenta ainda que após feito essa escolha o casal forma um sistema de indivíduos comprometidos a viverem juntos por toda a vida. Pelo menos essa é a motivação inicial. Além de morarem juntos o casal está comprometido com tarefas conjuntas. Eles criam um lar juntos, criam ou não filhos e interagem com sistemas maiores. Formam um subsistema dentro dos sistemas mais amplos da vizinhança, da cidade, do país e do mundo. O casal é uma

unidade social, cultural e econômica da comunidade. E é com o acréscimo das atividades que surgem os conflitos e muitas vezes o que era funcional passa a disfuncionalidade do casal.

Sobre esse assunto Zinker (1997, p. 71) sublinha:

Nos casamentos disfuncionais, é ingênuo concluir que um dos parceiros é o culpado, o causador de problemas (embora possamos precisar rotular e proibir um comportamento específico como abusivo e inaceitável). Ver apenas este parceiro não ajuda o terapeuta a entender a disfunção, porque a outra parte do relacionamento problemático está sentada em casa ou no trabalho sem ser vista. Assim, estudamos um parceiro, depois o outro, e depois o “espaço relacional” entre eles.

Contudo, Silveira (2000), assinala que com a prática clínica permite perceber que não são as pessoas mais saudáveis que estabelecem relações conjugais saudáveis. Verifica-se também que pessoas com desordens emocionais⁷ variadas podem ter relações boas e sentirem-se felizes com os parceiros escolhidos ao longo de toda a vida a dois. Sabe-se que a literatura a respeito do tema diz que isto se deve ao fato de que a evolução do relacionamento do casal depende de como estão atuantes na vida em comum as experiências do passado e as expectativas quanto ao futuro, bem como a vinculação de experiências e expectativas de cada um com o presente e a dedicação de ambos a relação do casal.

Dessa maneira, podemos nos interrogar: o que é um casal saudável? Silveira (2000, p. 12) esclarece:

Um casal saudável é aquele que se movimenta entre os inúmeros padrões de repetição de experiências vividas, sonhadas, imaginadas e compartilhadas. As possíveis transformações desses padrões fornecem um dinamismo peculiar à interação dos cônjuges. Uma relação satisfatória exige dos parceiros abertura, comunicação clara, flexibilidade, aceitação de riscos de rupturas e elaboração dos lutos referentes a términos, perdas separações e mortes anteriores. Em todas as relações saudáveis estão presentes a inveja, o ciúme, a competição, o ódio, os quais, quando neutralizados pela admiração, a doação, a cooperação e o amor, conferem o nível de tensão necessário ao acréscimo de cada membro do par e da relação do casal. Quando, no entanto, não ocorre essa neutralização, o casal entra numa rede de destrutividade. É a patologia.

Em contrapartida, Zinker (1997), desenvolve estudos com casais com base na interconexão entre a teoria sistêmica, que considera o casal um sistema ou ainda um subsistema do sistema família no qual os membros da família influenciam-se mutuamente. Há uma conexão entre os membros familiares e casal que permanecem inter-relacionados no decorrer da vida em

⁷ A desordem emocional é algum transtorno que o indivíduo experimenta com certo desconforto e são várias as sensações desconfortáveis, indo desde a ansiedade, depressão e medo à irritabilidade, estranheza e angústia; é algum sentimento/emoção/irritabilidade, tristeza, que transpassa a personalidade da pessoa e está fora do domínio da sua vontade consciente, ocorre sem o seu consentimento. A pessoa necessita de cuidados médicos, psiquiátricos e psicológicos (SILVEIRA, 2000, p. 13).

comum. A teoria de campo de Kurt Lewin, que consideram o comportamento humano função das interações do indivíduo num dado lugar e num determinado espaço e tempo, e a psicologia da Gestalt de Koffka, Wertheimer e Kuhler, estes últimos mais especificamente no que diz respeito à noção de figura e fundo e à afirmação de que o todo é mais do que a soma das partes. O casal, para Zinker, é um todo complexo, determinado por múltiplos fatores e para compreendê-los temos que estabelecer fronteiras.

Assim sendo, para Silveira (2007), quando duas pessoas, unidas pelo matrimônio, passam a viver juntas, constroem uma nova totalidade, a qual é delimitada pela fronteira do “nós”. Esta fronteira do “nós” ou da conjugalidade é que estabelece os limites do que é vivido em comum.

Poslter & Polster (2001, p. 112) corroboram:

Os ajustamentos criativos na vida do casal ocorrem na fronteira da conjugalidade. Se não houver obstáculos na fronteira, ocasionados por situações inacabadas, faz-se o contato com o novo, e, desse modo, a descoberta e a transformação se realizam. O contato, então, é definido pela função de união e separação de partes diferentes. É através do encontro de pessoas ou de partes que surge a mudança. O processo de mudança exige capacidade de fazer contato. O contato sadio ocorre tanto entre os membros do casal quanto das famílias. O terapeuta favorece com seus recursos, que também devem ser criativos, a eclosão da criatividade no par. Para isso, há que pôr em evidência as evitações de temas conflituosos, os bloqueios, as resistências, chegar às situações inacabadas e encontrar, quando possível, novas formas de contato.

Com isso, o contato é bem valorizado em Gestalt-terapia e pelos Gestalt terapeutas em suas clínicas. Para Polster & Polster (2001), o contato é definido pela função de união e separação de partes diferentes. Seres humanos diferentes se encontram, arriscam-se, a ser capturados na união e separam-se modificados. O contato é a consciência “de” e o comportamento “para”. E, inevitavelmente proporciona uma mudança. O contato é o sangue vital, o meio para mudar a si mesmo e a experiência que se tem do mundo. Zinker (2007), aponta a psicoterapia como um meio de favorecer a criatividade. “A mudança é a condição sine qua non do processo criativo: transmutações de uma forma em outra, de símbolos em um insight, de um sonho em uma representação dramática são maneiras de interconectar criatividade e psicoterapia, levando à transformação, à metamorfose, à mudança”. (p.17).

Polster & Polster (2001, p. 111) sinalizam ainda que:

A função que sintetiza a necessidade de união e de separação é o contato. Mediante contato, cada pessoa tem a chance de encontrar o mundo externo de um mundo nutridor. Ela faz o contato de forma reiterada; o encontro de cada momento termina

imediatamente, e um novo momento de contato vem nos calcanhares do antigo. Eu toco você, falo com você, sorrio para você, vejo você, pergunto a você, recebo você, desejo você; tudo isso, por sua vez, sustenta a vibração de viver. Estou sozinho, mas ainda mesmo assim preciso encontrar você, para viver.

Dessa forma, afirma Silveira (2007), o casamento criativo, as múltiplas possibilidades de intercâmbio levam ao crescimento da relação, favorecendo o enriquecimento de cada membro do par. Isso porque nesse contato cada par transmite e absorve, afeta e é afetado com as questões de cada um e suas inerentes contribuições para o andamento, desenvolvimento e crescimento da relação. É claro que o casal não vive todo o tempo em harmonia. Contudo, os momentos de discordância são experimentos como impulso para a criação do casal. Quanto mais o casal se conhecer e aprender a desenvolver mecanismos que os auxiliam nos momentos de discordâncias ou crises, melhor e mais fácil será para solucionar e voltar ao equilíbrio e uma boa configuração relacional.

4.1. O papel do Gestalt-terapeuta na clínica com casal

A Gestalt terapia tem sua peculiaridade no atendimento psicoterápico com casal. Zinker nos brindou com seu modelo de atendimento que ao nosso ver, funciona muito bem, proporcionando bons resultados. Para Zinker (1997), “um Gestalt terapeuta observa o casal interagindo contra este pano de fundo do ciclo interativo”. Isto é, uma tarefa específica se torna uma figura para o terapeuta, porque o sistema é especialmente habilidoso ao passar por essa fase e não tem consciência disso, ou porque existem resistências ou interrupções das quais o casal não tem consciência. Dessa maneira, “as intervenções do terapeuta têm o objetivo de trazer awareness ao casal com relação ao modo que interagem: suas competências, o que já fazem bem, e suas fraquezas, o que precisam aprender”. (p.108).

Sobre a tarefa do terapeuta Zinker (1997, p. 108) ressalta:

A primeira tarefa do terapeuta de casal é estimular o interesse e a curiosidade do sistema quanto a seu próprio processo, ensinar os casais a observar o modo como interagem. O terapeuta então ajuda a resolver as resistências, restaurando o bom funcionamento nos sistemas disfuncionais. O gestalt terapeuta tenta ensinar o casal a dar atenção ao seu processo interativo e a se esforçar para melhorar seu movimento no ciclo interativo. O terapeuta é um observador-participante, com ênfase no observador.

Sendo assim, para este autor, o terapeuta utiliza os dados fenomenológico disponíveis no ciclo interativo enquanto o casal conversa. Com isso é possível identificar as habilidades de

processo do sistema ou subsistema por se tratar de casal, bem como suas resistências. Como participante do subsistema casal, o terapeuta organiza as sessões ou situações terapêuticas de modo que o casal interaja diretamente entre si, em vez de focar sua atenção no clínico. Com isso, o terapeuta fica livre para observar e avaliar os modos pelos quais os clientes se relacionam uns aos outros.

Sabemos que não existe somente uma maneira de atendimento gestáltico com casal. Não se trata de uma receita pronta. Temos alguns exemplos indicados por especialistas, teóricos e práticos da área, e a identidade de cada profissional. Porém, a que estamos descrevendo neste trabalho é o modelo proposto por Zinker (1997). É uma forma de trabalhar diferente das conhecidas em outras abordagens e até mesmo em Gestalt terapia. Neste modelo, o autor afirma que o terapeuta recebe o casal na sessão e pede que eles contem qualquer coisa que desejam que ele saiba “de cara”. O terapeuta conversa com cada membro e pede que ninguém fale pelo outro nem do outro. Cada um fale por si próprio e ninguém tem permissão para interromper o outro. Cada um terá seu espaço e seu tempo para falar por si mesmo e daquilo que o incomoda e que está dificultando a relação com seu cônjuge.

Assim sendo, este autor nos assinala que após esse primeiro contato explicando ao casal como se darão as sessões; o próximo passo é fazer com que o casal fale um com o outro, prometendo a eles que podem voltar-se para o terapeuta em busca de auxílio sempre que sentir necessidade. Ou então o terapeuta poderá interrompê-los (respeitosamente) para fazer suas observações sobre o processo sempre que necessário ou quando estiver em um impasse ou um entrave.

Assim, Zinker (1997, p. 23) ressalta:

Depois de observar o casal conversando por um tempo, nós⁸ os interrompemos e pedimos que nos ouçam falar sobre seu tema naquela sessão. Nós nos voltamos um para o outro, comparamos os temas e, rapidamente, escolhemos um que faça sentido para nós dois. Então, um de nós apresenta o tema para o casal, pergunta se faz sentido e se isso também acontece em casa. Em geral, atingimos o alvo com nossas observações mútuas. Por exemplo, podemos dizer: “Vocês são ótimos em contar um ao outro seus verdadeiros sentimentos independentemente de quanto isto os fira por dentro”. Isto é apresentado como uma competência do casal. Por outro lado, o outro terapeuta poderá pontuar sobre o lado fraco da competência do casal. Ele poderá dizer: “Vocês já repararam que, quando expressam seus verdadeiros sentimentos, alguém do

⁸ Nós, porque Zinker atendia com um co-terapeuta e essa é, ainda hoje, a melhor maneira de se trabalhar com casal, um terapeuta e um co-terapeuta. Devido à complexidade de todo esse subsistema e de todo o campo presente na vida dos dois individualmente e de ambos como casal, tendo no meio de tudo isso a relação do casal. Um terapeuta e um co-terapeuta interagem e conversam entre si com o objetivo de buscar a melhor intervenção ou experimento para o que estão vendo a sua frente, o casal interagindo entre si (ZINKER, 1997, P. 22) e grifo do autor.

par pode se encolher ou derramar uma lágrima porque o que você disse é muito doloroso? Você pode precisar aprender a checar algo com o outro membro antes de falar sobre um assunto pessoal que seja difícil demais de lidar. O que estamos observando faz sentido para você?

O que tem de diferente nesse atendimento, que nominamos aqui, modelo Zinkeano, é que as pessoas, o casal, dialoga entre si e não conosco, os terapeutas, e que as intervenções são baseadas nos dados vistos na sessão à nossa frente. Dessa maneira, o terapeuta orientado sistematicamente, precisará saber sintetizar, não analisar; ver as forças complementares em vez dos conflitos; evitar direções polêmicas e usar metáforas e imagens criativas para encontrar imagens integradoras e todos; procurar formas estéticas nos espaços entre e ao redor das pessoas, em vez de focar-se em circunstâncias individuais ou em questões de conteúdo. (ZINKER, 1997).

Dessa forma, para este autor, como terapeutas precisamos observar e ouvir bem por um bom tempo. Ou seja, um tempo suficiente para experienciar o que está acontecendo com o casal para podermos obter dados suficientes sobre o processo e criar intervenções apropriadas ao seu dilema. Para que isso possa acontecer, precisamos estabelecer nossa presença no sistema e elicitare a participação do casal no exame de seu processo. Eles são responsáveis pelo processo e sabem melhor do que o terapeuta do que eles precisam e o que querem fazer para alcançar esse objetivo. O terapeuta é um acompanhante atento do processo.

Para Zinker (1997, p. 187) a primeira coisa que devemos fazer é:

Nos envolver em conversas triviais, o que estabelece nossa presença como terapeuta e iniciar o contato com todos os participantes. Esta é a fala social mais comum de boas-vindas. Asseguramos o contato com todos e provemos o calor que possibilita falar de assuntos íntimos. A seguir, discutimos as regras terapêuticas básicas. Dizemos aos participantes que o melhor modo de podermos ajuda-los é observando-os, que vamos pedir que eles conversem entre si sobre algo que seja importante, que agiremos como testemunhas, e que iremos interromper quando acreditarmos que algo possa ser interessante ou útil para eles.

Porém, na visão deste, sempre após essas instruções é normal encontrar resistências. Os comentários mais ouvidos são: “Mas, já conversamos em casa, então isso não vai adiantar. “Não vai nos ser útil”. “Não há razão para falarmos sobre isso aqui porque eles não vão me ouvir e é por isso que estamos aqui”. “Eu não esperava isso”. “Eu quero lhe contar...Você não quer saber nada a nosso respeito”? “Você não quer conhecer nossa história ou como viemos parar aqui”? “Nós viemos procurando algum conselho seu, não falar um com o outro sobre a mesma coisa de sempre”. “Seria muito embaraçoso fazer isso. Eu não sei se poderia apenas falar na sua frente

enquanto você fica sentado ouvindo”. “Isso parece inventado e teatral. É situação falsa, e eu não vejo o que de bom poderia vir de representarmos” (ZINKER, 1997, p. 187).

Nesse ponto, enfatizamos a resistência, como sempre fazemos em um bom trabalho. Sabemos que em Gestalt-terapia a resistência é para ser usada a nosso favor, não para ser ignorada ou eliminada. Com isso, pontua Zinker (1997, p. 188), “se os clientes dizem que tudo parece artificial e falso e eles se sentem pouco à vontade para “representar” na sua frente, você poderia responder”.

É importante vocês me dizerem se estão pouco à vontade. Vocês estão certos, é artificial. A situação terapêutica não é natural. Entretanto, é muito importante que eu possa observá-los para saber como vocês se comunicam. Sei que é artificial e desconfortável, mas espero que vocês consigam fazê-lo mesmo assim, pois acredito que este é o melhor modo de lhes ser útil (ZINKER, 1997, p.188).

Entretanto, Silveira (2007), nos lembra que a terapia pode ajudar o casal a aprender a viver em meio aos conflitos e crises e a usar a criatividade para resolver problemas e crescer como casais e pessoas. Após um momento de crise e conflito o casal sairá mais fortalecido e com sentimento de superação. Porém, caso opte pela separação terão possibilidades de promover encontros mais saudáveis e enriquecedores. A terapia, além de buscar auxiliar o casal nos diversos momentos de crise, auxilia também em uma separação menos dolorosa, se esta for a opção escolhida pelo casal. Pois, na terapia, trava-se uma luta complexa em que a tolerância à angústia e a presença da dor abrem a possibilidade da dupla refletir, experimentar novas regras e estabelecer novas formas de contato. Em meio a conflitos e crises, o trabalho terapêutico favorece uma maior clareza entre o que é do âmbito pessoal e o que é âmbito conjugal.

Pois, como afirma Silveira (2005), não é possível ver um sintoma pertencente apenas a um membro do casal, mas como expressão da interação desses membros por sua interrelação. Logo, o casal é entendido como um todo em relação: as influências são mútuas e não somente de responsabilidade de um membro. A terapia de casal terá por objetivo compreender o contexto no qual as relações dentro da família/casal se constroem. O terapeuta quer e precisa entender como as relações naquela família/casal se estabelecem favorecendo que os membros se escutem e compreendam-se para que possam buscar uma melhor maneira de se relacionar e se ajudar mutuamente.

Sendo assim, no processo terapêutico neste modelo proposto por Zinker, o casal aprende a conversar e a ouvir um ao outro. Contudo, eles têm a fantasia de que fazem isso muito em casa. Com o desenvolver do processo terapêutico eles descobrem que somente neste momento

estão aprendendo a se comunicar. Isto é, falar com clareza e ouvir o outro. O que terão como ganho com isso é justamente o equilíbrio entre o binômio que gera muitos conflitos e crises, individualidade x conjugalidade. Equilíbrio este que só é possível com muito diálogo e compreensão na escuta atenta ao outro. A terapia ajudará que cada um conheça melhor seu campo individual e auxiliará na busca de novas possibilidades para melhor viver como casal, tendo em vista uma relação mais harmoniosa e melhor estruturada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando voltamos nosso olhar para a maneira em que o casamento era constituído nas Idades Média e Moderna, percebemos que houve consideráveis mudanças. Era cuidadosamente escolhido pelos pais dos noivos, preferencialmente dentro da própria família se abastada, para que os bens do clã não fossem dispersos. Porém, a própria mulher podia achar vantajoso, era uma garantia de sustento a vida inteira. Ela pertencia ao homem, mas, sua alma deveria pertencer a Deus, por isso teria que guardar-se casta mesmo no casamento, mantendo relações sexuais apenas para gerar descendentes. Com isso, a mulher se tornava submissa e dependente do homem em todos os aspectos de sua vida e uma devota a Deus e Igreja.

Assim sendo, a Gestalt-terapia percebe essas mudanças ocorridas no decorrer dos séculos no que tange a relação conjugal. Ela entende que a pessoa tem poder natural de autorregular-se. Com isso, busca mudanças e atualizações também nos relacionamentos. O

casal visto com o olhar da Gestalt-terapia é um casal dinâmico, ou seja, tem várias possibilidades de atuar sobre seus conflitos e crises e encontrar uma maneira de melhor resolvê-los com o auxílio do Gestalt-terapeuta. Pois, não é o terapeuta quem vai solucionar esses conflitos; fantasia alimentada no início da minha profissão antes do encontro com a Gestalt-terapia. Mas sim, este vai acolher o casal e colocá-lo para dialogar entre si e buscar concretizar o que deseja. Assim, vão buscar o que é melhor para eles e para sua relação naquele momento.

Dessa forma, a sensação do terapeuta de que nada estava sendo feito não existe mais. De modo especial, após conhecer e percorrer este caminho da Gestalt-terapia no atendimento ao casal, pois não é ele quem resolve, mas o casal através do diálogo busca o encantamento e a beleza do encontro, da escuta e assim do compartilhar juntos da vivência conjugal. Assim, vimos que a Gestalt-terapia tem uma prática peculiar na terapia de casal proposta por Zinker, a qual percebemos que é uma maneira muito eficaz de terapia. Esta maneira que a Gestalt-terapia atua na clínica com casal leva-o a aprender a conversar sobre os problemas e assim juntos buscar uma solução prática.

O atendimento ao casal na abordagem gestáltica se caracteriza em pôr em evidência situações mal resolvidas, situações inacabadas, gestalt abertas a fim de acompanhar cada par na resolução de tais situações ao favorecer o surgimento das evitações, resistências, bloqueios encontrando no decorrer do processo terapêutico, quando possível, novas maneiras de lidar com todas essas situações. Na Gestalt-terapia a terapia de casal visa ampliar o potencial criativo dos

seus membros, para que os mesmos possam romper com antigos padrões dentro do subsistema casal em direção a novas formas criativas de lidar com a realidade presente.

Contudo, acredito que é possível pensar que o casal, no atendimento gestáltico no modelo de Zinker, isto é, um dialogando com o outro, busca o encontro com o subsistema que é o casal e com tudo que está presente em seu campo. Além de buscar a autorregulação desta relação, assim como um bom diálogo, uma comunicação fluída, encontrando as competências para melhor enfrentar e solucionar as fraquezas. Sendo possível, a partir disso tudo, experienciar novas possibilidades de viver sua relação conjugal. Quando o casal repete sempre o mesmo comportamento, gerando assim, desentendimento na relação; o resultado deste comportamento repetitivo é, logicamente, o mesmo. É óbvio que se fizer a mesma coisa todos os dias, o resultado será sempre o mesmo todos os dias. Na terapia com casal, neste contexto, tem o objetivo de encontrar uma maneira diferente de fazer a mesma coisa. Só assim será possível ter resultados diferentes. O terapeuta, que fica observando a maneira de comunicar do casal, está ali como um auxiliador, um facilitador nesse processo e não o responsável de fazer as mudanças necessárias. Estas são de responsabilidade do casal que veio buscar ajuda e juntos sabem o que precisam para melhorar a relação e ter uma união mais estruturada.

Dessa maneira, podemos dizer que a minha visão e prática em relação ao atendimento psicoterápico com casais se transformou. De uma primeira experiência sistêmica, na qual sentia-me inteiramente responsável por resolver os conflitos e desentendimentos entre os casais, pois neste modelo de atendimento ambos falam diretamente ao terapeuta, o que fazia-me sentir o responsável por resolver todos os problemas. Passou, dessa forma, de modo especial, após esta pesquisa e a prática clínica na abordagem gestáltica, a perceber que esta responsabilização é do cliente, ou seja, o casal é responsável pelo seu processo terapêutico. Por isso, o modelo próprio trabalhado pelo Zinker, onde ambos dialogam na frente do terapeuta e não diretamente com ele. Este, por sua vez está ali presente, atento e observando o momento certo de fazer as intervenções com o objetivo de buscar awareness do casal.

Enfim, os casais estão mudados e hoje eles buscam com mais frequência a terapia. Contudo, a relação conjugal ainda é um desafio vivido diariamente entre pelo casal. E ser casal, vivendo uma boa forma na relação é priorizar o parceiro, é cuidar dele, é amá-lo, é respeitá-lo, é conhecer suas necessidades, é auxiliá-lo, é ser fiel, é ser solidário, é desfrutar a vida sexual, é buscar maneiras de viver melhor, com uma configuração harmoniosa essa relação. Pois, o amor é o vínculo que une dois em uma só relação. E o amor vai muito além do ato sexual, porque o

amor é paciente, o amor é bondoso, é compreensível, é sereno e generoso. Todos querem esse amor em sua relação conjugal. Esse é o ideal de amor que o homem e a mulher buscaram no decorrer dos séculos e que hoje é permitido vivê-lo em nossa sociedade nas relações conjugais. A clínica gestáltica com casais é uma opção eficaz para que os casais, com a ajuda do Gestalt terapeuta, possam encontrar uma melhor maneira de lidar com os conflitos e crises e viverem uma relação com criatividade, bem estruturada, com ótima configuração e boa forma, isto é, onde os dois possam se encontrar nesta união conjugal.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELO, C. **A escolha do parceiro**. In: ANDOLFI, M., ANGELO, C., SACCU, C. (Orgs). *O casal em crise*. São Paulo. Summus. 1995.
- ARAÚJO, M. F. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações**. In: *Psicologia: Ciência e profissão*. Vol. 22 nº 2. Brasília junior. 2002.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. (trad. Dora Flaksman) 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- CARDELLA, B. H. P. **O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica**. São Paulo. Summus editorial. 1994.
- _____. **Laços e nós: amor e intimidade nas relações humanas**. São Paulo. Editora Âncora. 2009.
- CARTER, B. MCGOLDRICK, M. & Colaboradores. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia de Família**. 2º ed. São Paulo. Artemed. 2011.
- FÉRES-CARNEIRO, T. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. In: *Psicologia Reflexão e Crítica*. Vol. 11, nº 02 Porto Alegre. 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/101590/S0102-79721998000200014>.
- FERREIRA, A.B. de H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. São Paulo: Positiva, 2004.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro. Graal, 1977.
- GIDDENS, A. **Mundo em desordem: o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- GINGER, & GINGER, A. **Gestalt: uma terapia do contato**. 4.ed. São Paulo: Summus, 1995.
- LEWIN, K. **Teoria de campo em ciências sociais**. Sao Paulo: pioneira, 1965.
- LINS, R.N. **A cama na varanda. Arejando nossas ideis a respeito de amor e sexo**. Rio de Janeiro. Best Seller editora. 2014.
- MACFARLANE, A. **História do casamento e do amor**. São Paulo. Companhia das letras. 1990.
- MATEUS 19.3-6. In: **Bíblia Sagrada**. São Paulo. Editora Ave Maria. 1999.
- PERLS, H.G. **Gestalt Terapia**. 3ª. Ed. São Paulo. Summus. 1997.
- PERLS, F. S. **Isto é Gestalt**. São Paulo. Summus. 1977.
- POLSTER & POLSTER. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.
- PEREL, E. **Sexo no cativeiro – Driblando as armadilhas do casamento**. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro. Objetiva Editora. 2006.

RIBEIRO, J.P. **Gestalt-terapia: Refazendo um caminho**. 8ª ed. São Paulo: Summus. 2012.

SILVEIRA, T. M. **Individualidade, conjugalidade e instabilidade no casamento contemporâneo**. Trabalho apresentado no Fórum de casal e família durante o VII Congresso Internacional de Gestalt-terapia, no Rio de Janeiro. 26 a 29 de outubro de 2000.

_____ **Caminhando na corda bamaba. A gestalt terapia de casal e de família**. 2005.

_____ **O papel da criatividade nas relações conjugais: os limites do “eu” e os limites do “nós”**. Revista IGT na rede, Vol. 4, Nº 7, 2007. 199-207.

ZINKER, J. C. **A busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistemas íntimos**. 4ª ed. São Paulo. Summus. 2007.

YONTEF, G.M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1998.